

CADERNO DE LEITURA EM VOZ ALTA



PROFESSOR



TRIBUNAL DE CONTAS DO
ESTADO DE RONDÔNIA



Ficha Técnica

Realização

Tribunal de Contas do Estado de RO – TCE/RO
Secretaria de Planejamento (SEPLAN)

Consultoria

Rita de Cássia Paulon

Concepção e Texto

Suely Amaral

Projeto gráfico e diagramação

Assessoria de Comunicação – TCE/RO

Publicado em 2022

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	4
<i>Leitura em voz alta na alfabetização</i>	5
<i>Professor como modelo de leitor.....</i>	7
<i>Narrativas literárias na voz do professor</i>	8
<i>Conhecendo as narrativas</i>	9
<i>A leitura em voz alta no planejamento</i>	11
<i>Narrativas populares em sala de aula.....</i>	13
<i>Competências e habilidades a serem desenvolvidas:.....</i>	33
<i>Considerações finais.....</i>	34
<i>Referências bibliográficas</i>	35

Apresentação

O Caderno de leitura em voz alta faz parte de um conjunto de materiais didático-pedagógicos produzidos pelo Tribunal de Contas de Rondônia (TCE/RO), para compor o Programa de Alfabetização na Idade Certa que, em conjunto com as redes municipais parceiras, visa a alfabetização de todas as crianças rondonienses, como preconizam a Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Curricular do Estado de Rondônia.

O Caderno traz uma reflexão sobre a importância do mundo da literatura, como um caminho possível para a formação ética e estética da criança tendo, como uma das trilhas, a leitura em voz alta do professor, e utilizando para isso a larga produção de contos infantis, disponibilizados gratuitamente no país.

Ter clareza da função social e do homem que se quer formar é fundamental para realizar uma prática pedagógica competente e socialmente comprometida, particularmente num estado de contraste como o Estado de Rondônia, que como muitos outros estados, apresenta desigualdades econômicas, sociais e culturais. ¹ (RCRO, pg 21)

O envolvimento do estudante com a leitura exige empenho e persistência. Entretanto, vale ressaltar que a leitura em voz alta do professor, de fundamental importância na formação, não é por si só suficiente para o alcance da fluência leitora. O planejamento precisa incluir, além dessa estratégia, a leitura em voz alta de alunos, a leitura individual e silenciosa de textos variados, a leitura de, no mínimo, 30 livros de literatura infantil por ano, além de apresentação de leitura em público, como jograis, saraus, propiciar a participação em espetáculos envolvendo a leitura de textos dramáticos, concebidos e produzidos em conjunto com a área de Artes, a participação como ouvinte de contação de histórias em espaços distintos da sala de aula, como a sala de leitura, bibliotecas e mesmo o pátio da escola.

¹ Referencial Curricular do Estado de Rondônia.

É preciso uma comunidade leitora para instigar uma criança a se envolver com a leitura. Além do acesso a contos de outros povos e lugares, uma formação cultural sólida exige o acesso do estudante ao mundo cultura, o que é possível se a escola priorizar a articulação com a produção literária local, promovendo encontros com os autores da literatura rondoniense, com pesquisadores de histórias populares, com contadores populares de histórias, de modo a legitimar a produção universal e local e conectar a criança à sua cultura e ao seu povo.

Leitura em voz alta na alfabetização

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter o caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...²

Fanny Abramovich

O sonho do professor é que seu aluno ganhe experiência de leitura suficiente para fazer suas escolhas individuais, para transitar no universo da leitura, não somente guiado pela busca de resultados escolares, mas também pela chamada leitura deleite, aquela em que se lê pelo simples prazer de ler.³

O distanciamento da leitura e a dificuldade na evolução da competência leitora se iniciam muito cedo e vão se acentuando à medida que a criança progride para níveis mais altos afetando negativamente todo o percurso de escolarização. Como então levar uma criança a gostar de ler? Como superar a frustração e o desânimo no desafio de ler, quando não alcança o sentido do texto?

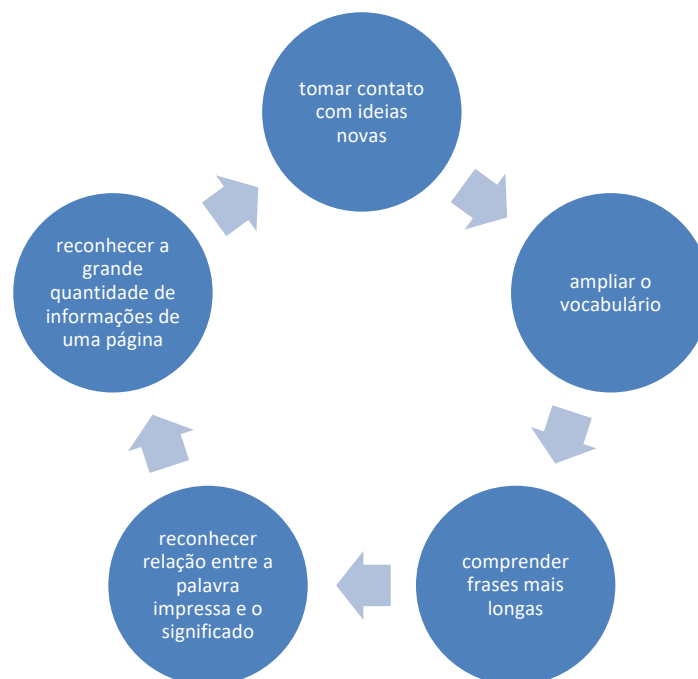
Buscando consolidar a escola de educação fundamental como um lugar de leitura e de leitores, este caderno destaca o modelo leitura em voz alta como um recurso importante para o aprimoramento da competência leitora dos estudantes.

² Abramovich, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

³ Leitura deleite. Estratégia formativa adotada pelo PNAIC (Pacto pela Alfabetização na Idade Certa, MEC, 2013), visando desenvolver o gosto pela leitura.

Experiências que favorecem o contato sistemático da criança com a leitura relacionadas à produção textual figuram nas práticas escolares, desde os anos iniciais. A leitura em voz alta, porém, frequente na rotina das rodas de leitura da educação infantil, tem sido pontual nas práticas da educação fundamental, quando o foco do ensino recai no escrever, e a produção de textos escritos passa a ocupar boa parte do tempo, para dar conta dos registros de informações da lousa, respostas a questões do livro didático, cópias diversas.

Dentre tantas outras habilidades, uma das mais importantes é levar a criança a gostar do que lê, pela descoberta do mundo maravilhoso da imaginação, mesmo antes de saber ler, por meio da audição de histórias. Nesse sentido, a leitura em voz alta como prática em que, regularmente, professores leem textos para os estudantes tem sido considerada um dos fundamentos para o sucesso na consolidação da autonomia leitora. Da educação infantil ao ensino médio, os estudantes podem aprimorar seus conhecimentos a partir do mergulho no mundo da leitura, mediado por outrem. Na alfabetização, a estratégia da leitura em voz alta feita pelo professor ajuda o estudante a



Ouvir o outro ler amplia o conhecimento do mundo dos livros e amplia o conhecimento sobre a escrita na medida em que integra os estudantes com

dificuldades às mesmas situações de leitura e aos mesmos conteúdos a que os leitores fluentes tem acesso.

Professor como modelo de leitor

Na voz do professor, as páginas ganham sentidos e a história ganha vida. Indagações como por exemplo: “como se deve ler para expressar o medo das personagens?”, “e para expressar ameaça?”, “Como se pronunciam palavras desconhecidas?” são possíveis nesse contexto.

O adulto constitui-se, para a criança, um modelo de leitor, quando lê um conto maravilhoso, uma fábula, um poema, pois cada contexto demanda diferenças de expressividade, manifestas no tom de voz, no ritmo, pausas, no encadeamento da frase, em interações pelo contato visual e pela linguagem gestual, e pelas perguntas e comentários, que ampliam as possibilidades de interlocução no grupo.



Enfim, como em outras práticas de leitura, esse modelo ajuda a melhorar as habilidades linguísticas dos estudantes, ao estabelecer padrões de linguagem e vocabulário que não fazem parte do dia a dia; amplia a imaginação; o conhecimento de outros conteúdos escolares e contribui para a motivação para outras leituras.

Narrativas literárias na voz do professor

Contar histórias é um hábito que atravessa todas as culturas e gerações. Pode-se afirmar que contar histórias tem sido um instrumento para o reconhecimento e organização das vivências e uma via que permite ampliar o entendimento sobre as experiências individuais e coletivas.

O cotidiano, que pode ser visto pela criança como espaço confuso e desordenado, vai sendo gradativamente compreendido à medida que o estudante consegue dar significado às diferentes situações vividas pelas personagens. Uma história bem contada pode levar uma criança a ver o mundo de uma perspectiva nova.

Ao discernir as angústias das personagens, relacionar sentimentos e ações de diferentes tipos de personagens (os bons e os maus, por exemplo), entender as dimensões lógicas que organizam uma história, como espaço, tempo, causalidade, a criança pode compreender a si mesma e as relações com os outros.

A literatura na escola abre os olhos do leitor para uma visão menos literal da realidade, para interpretações mais complexas dos acontecimentos e, nesse sentido, favorece desenvolvimento emocional e cognitivo, pois a criança é estimulada a elaborar os significados, para compreender o desenrolar dos fatos e dos motivos que suscitam as ações.

Em resumo, por meio das histórias, os indivíduos compreendem seu lugar nas famílias, as famílias encontram seu lugar na comunidade, as comunidades se conectam com seus antepassados e transmitem seus valores a seus

descendentes, mantendo assim a tradição de um povo. As crianças compreendem a dimensão de ações de solidariedade, de respeito, a importância da paz entre os grupos, e as consequências de ações destrutivas no campo individual e coletivo.

Conhecendo as narrativas

Para as crianças que estão iniciando no universo das histórias, é suficiente um conhecimento mais geral como, por exemplo, saber que um conto é um texto que apresenta um personagem principal, que age em um cenário e envolve com um problema ou evento que precisa ser solucionado.

Não é preciso trabalhar todos os elementos de uma vez em cada conto, quando se lida com o leitor iniciante. O professor pode selecionar aspectos que mais se evidenciam e destacá-los para que as crianças prestem atenção nos seus efeitos na história. Em alguns contos, como em João e Maria, por exemplo, o espaço é determinante: é na floresta que as crianças se perdem, lá encontram a casa da bruxa e de lá fogem para o retorno. Já em A bela adormecida, além do espaço (o castelo feliz x o castelo adormecido), a passagem do tempo é importante, já que a princesa dorme 100 anos. Em outros momentos, o destaque é para o personagem e suas características físicas ou psicológicas.

À medida que as crianças amadurecem como leitoras, desenvolvem capacidades de explorar os elementos que distinguem uma narrativa de outros textos, de modo que gradativamente vão diferenciando todos os elementos que caracterizam o discurso do narrar.

Aspecto	Reconhecer na história contada
Enredo/ trama	tem sempre um núcleo, que chamamos de conflito. O conflito determina o nível de expectativa na história. ➤ Quais os principais acontecimentos da história? ➤ Em que sequência os eventos são contados? ➤ O que acontece em 1º lugar – em 2º lugar...?

Personagens	Podem ser pessoas, animais, elementos da natureza, seres de ficção. Ganham vida para viver os acontecimentos. ➤ Quem são? Quais suas características?
Tempo	Tempo em que os acontecimentos transcorrem. ➤ Qual a duração entre o início e o final da história: algumas horas, alguns dias, muitos anos? ➤ Há palavras/expressões que indicam a passagem do tempo?
Espaço	Cenários onde os acontecimentos se desenrolam, onde as personagens se movimentam. Pode ser um espaço do mundo real ou não, como uma cidade, uma floresta, um pequeno cômodo ou uma estrela. ➤ Onde acontecem as ações? Onde vivem os personagens?
Narrador	Conta a história ao ouvinte, leitor ou expectador. Nos contos populares, o narrador é em geral de 3ª pessoa.

Nesse sentido, é importante que a criança vá conseguindo percebendo o modo como uma narrativa se organiza, em que aspectos uma história se distingue de outros textos, explorados no cotidiano da escola.

Quando os estudantes conhecem a estrutura narrativa são capazes de fazer predições bem sucedidas sobre o que ocorrerá no desenrolar da história e reconhecem com maior facilidade as causas e as consequências dos fatos relatados.

Estrutura mais comum nos contos para crianças:

Situação inicial	Apresentação dos personagens, que podem ser seres de ficção. Muitas vezes não tem nomes. Apresentação do espaço “Em um lugar distante”. Tempo da narrativa: tempo distante “Era uma vez...”
Desenvolvimento	Emergência de um problema, como o perigo que ameaça o personagem principal, os obstáculos que o personagem precisa vencer. Protagonista conta com a ajuda de um instrumento mágico ou de amigos sobrenaturais.

Desfecho	Momento em que se dá a resolução do problema. Em geral, o bem vende o mal, o mais fraco vende o mais forte, o ingênuo vence o espertalhão. É o final feliz.
-----------------	---

Com um trabalho sistemático do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, a criança fará a diferenciação das características típicas de cada gênero textual (contos de fadas, lendas, fábulas, mitos) como, por exemplo, as fórmulas de abertura e de fechamento de contos de fadas, a moral como parte da estrutura da fábula, os personagens típicos dos contos populares.

A leitura em voz alta no planejamento

A leitura em voz alta envolve os alunos em atividades que dizem respeito à própria leitura, instiga a compreensão do conteúdo que está sendo lido e de como deve ser lido cada tipo de texto, além de esclarecer objetivos da leitura, ou para que se lê.



Desenvolver a competência leitora implica lidar com muitas histórias de um mesmo gênero por um tempo determinado, para a familiarização com as características de um gênero específico. Só o contato regular e sistemático permite ao aluno reconhecer as características específicas que distinguem uma fábula, de uma lenda, de um conto popular.

A organização da rotina para incluir a leitura em voz alta:

- assegurar que os estudantes ouçam pelo menos uma história por dia. Ajudá-los a reconhecer que esse momento também é importante para a aprendizagem dos demais conteúdos escolares.
- definir um horário na rotina. Começar com um mínimo de 05 minutos diários para o 1º ano, aumentando para 10 minutos e para 15, para garantir a atenção da criança na história lida.
- observar a capacidade de atenção das crianças. Selecionar no início (principalmente com o 1º ano ou com as crianças ainda não alfabetizadas) textos curtos, de frases curtas, com personagens facilmente identificáveis.
- fábulas são adequadas para o início e à medida que os alunos avançam, vão se aprofundando na compreensão da moral de cada uma. São muitas as fábulas que circulam nos livros para crianças: O leão e o ratinho, A rã e o touro, O rato do mato e o rato da cidade, O lobo e o cordeiro, O galo e a raposa, O leão e o javali, A formiga e a pomba, A raposa e o corvo, A cigarra e a formiga, A coruja e a águia, O pastor e o leão, A assembleia dos ratos. Além das fábulas, contos curtos também encantam as crianças: A galinha ruiva, O lobo e os sete cabritinhos, A princesa e a ervilha, por exemplo.
- contos mais longos podem ser divididos para serem trabalhados em dois dias ou mais, como os contos de fadas, o conto maravilhoso, lendas e mitos.
- organizar a turma para a audição, de maneira que os estudantes possam ficar confortáveis e prestar atenção no texto que está sendo lido.

Selecione histórias que, em sua perspectiva, possam despertar a sensibilidade dos alunos. Sentimentos de medo, de raiva, de ternura, de esperança, destacando os trechos do texto que tornam possível emergir tais sentimentos. Destacar os recursos linguísticos que poderão reforçar tais sensações.

Ao longo do ano letivo, inclua textos que contemplem diferentes culturas: contos da literatura japonesa, contos de cultura africana, contos de origem indígena (de povos que habitam Rondônia e outros), contos populares brasileiros, contos populares europeus, contos populares latino-americanos, principalmente de povos vizinhos (da Venezuela, Bolívia) para incluir a criança urbana, a criança da fazenda, o ribeirinho, enfim, todos os estudantes.

Alguns autores da literatura indígena brasileira: Daniel Munduruku, Olívio Jekupé, Ailton Krenak, Graça Graúna, Carlos Tiago Hakiy, Eliane Potiguar, Eli Macuxi, Cristino Wapixana, Rony Wasiry Guará, Elias Yaguakãg

Narrativas populares em sala de aula

Conto popular é uma história antiga, contada de geração a geração, de tal forma que não se consegue precisar onde surgiu, seus autores ou como se disseminou para tantos lugares.

Os contos populares e seus personagens (princesas, fadas, bruxas, reis, objetos mágicos, metamorfoses, duendes) que vivem acontecimentos em florestas, castelos, reinos foram passados de geração a geração, pela oralidade, e alçados à literatura por meio de estudiosos que os coletaram, reescreveram, adaptaram para o público infantil, publicaram em livros. Por meio dos livros, chegaram a povos distantes e sobrevivem há séculos.

Ainda hoje, essas histórias atraem as atenções de adultos e crianças, que veem nelas verdades sobre as relações humanas narradas de forma simbólica:

ameaças de monstros, a capacidade de conversar com os animais ou alcançar a invisibilidade, enfim histórias que sugerem que podemos voar para além dos limites da nossa realidade, na busca por um lugar no mundo, na dimensão física e emocional.

A compreensão da história

A leitura em voz alta pressupõe engajamento em que o leitor procura transmitir sentimentos pela entonação de voz, pelos movimentos do corpo. Para isso, é preciso preparo antecipado, um mergulho cuidadoso no texto, de modo que, ao final, a leitura pareça natural e sem esforço. Lembrar que o propósito do texto narrativo é entreter, envolver o leitor com as ações dos personagens, criar expectativa com o desenrolar da trama, manter o interesse do leitor no final da história.

Toda leitura implica aproximar o leitor ou ouvinte – no caso da leitura em voz alta feita pelo professor – do conteúdo, por meio do levantamento do conhecimento prévio da turma sobre o que vai ser contado ou sobre outros textos que tratem do mesmo assunto, como no exemplo: o texto tem o lobo como personagem central, levantar com os alunos “Que outras histórias vocês conhecem que traz um lobo?” Colocar na lousa os títulos. “Nessas histórias, o lobo tem características positivas ou negativas?” Levantar as hipóteses, instigando a curiosidade “E na próxima história, que vai ser lida, como será o lobo?”

Assim:

- Antes da leitura: destacar o título, estimulando os estudantes a levantarem hipóteses sobre o que vai ser lido “Considerando o título, podemos entender que o texto trata de quê?”.
- Durante a leitura: confrontar as expectativas iniciais com o desenrolar da história.
- Depois da leitura: o levantamento de questões que tornem possível a construção do significado global do texto.

Evite dispersar a atenção dos alunos com excesso de perguntas sobre detalhes ou aspectos secundários do enredo. Ao final do texto, abra espaço para que falem da experiência da leitura, se gostaram ou não. Não é necessário discutir todas as histórias ao final de cada aula, mas é importante reservar algum tempo para que os estudantes possam retomar as histórias e fazer uma síntese sobre o que aprenderam. No caso do texto narrativo, ao final da leitura, os estudantes devem demonstrar que compreenderam:

- quem conta?
- o que acontece?
- quem são os envolvidos na trama?
- quando acontecem os eventos narrados?
- onde acontecem?

Nos momentos de retomada, é possível destacar as características que diferenciam um gênero de outro, mesmo que façam parte do discurso do narrar: que aspectos caracterizam uma fábula? E um conto de fadas? E um conto popular?

A fábula

Fábulas são histórias muito antigas, que há vários séculos povoam a imaginação de crianças e de adultos. Trata-se de uma narrativa curta que traz uma lição ao final, explícita ou implícita. Em geral, a moral pode ser apreendida pela ação de animais que se comportam como pessoas. Ações tolas ou sábias, invejosas, bondosas, maldosas mostram aos leitores as condutas que devem ou não ser seguidas, o que pode ser bom ou mal para a convivência humana.

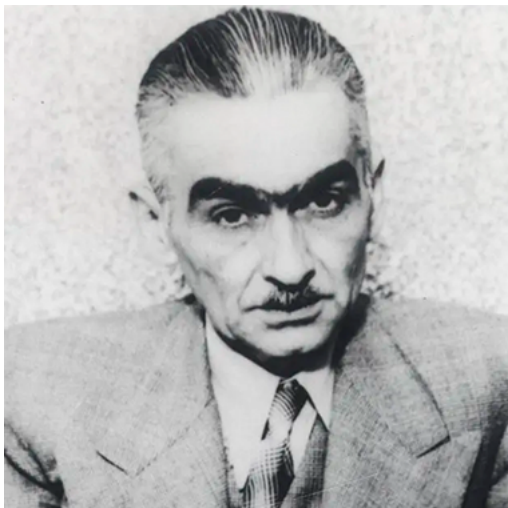
Fabulistas famosos:

- ✓ Esopo é o escritor que viveu na Grécia antiga, século VII a.C., a quem foi atribuída a autoria da grande maioria das fábulas que circulam até hoje. Entre as fábulas consideradas de Esopo estão A raposa e as uvas; A lebre

e a tartaruga; A cigarra e a formiga; O lobo e o cordeiro; O leão e o rato; A rã e o boi.

- ✓ Jean de La Fontaine (1621-1695) viveu na França e publicou suas primeiras histórias em 1698. Foi grande propagador das fábulas de Esopo. Recriou-as e fez adequações para uso educativo em histórias curtas, em que reflete o ambiente social do século XVII. Retrata os costumes na experiência cotidiana, com grande diversidade de situações, mostrando sempre um fundo moral.
- ✓ No Brasil, Monteiro Lobato reformula as fábulas clássicas, de Esopo e de La Fontaine e recria outras, com aspectos inovadores, adaptando o gênero à linguagem e ao gosto das crianças brasileiras. As fábulas de Lobato vão além dos ensinamentos morais associados ao comportamento dos personagens; ao contrário, suas histórias tratam de conceitos como liberdade, independência, solidariedade e sabedoria, valores sempre abordados pela voz de seus personagens.

Monteiro Lobato



José Bento de Monteiro Lobato (1882-1948). Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina.

Figura 1 Fonte: <https://monteirolobato.com/linha-do-tempo/> acesso em 04/03/2022

Obras O Saci (1921), Fábulas de Narizinho (1921), Narizinho Arrebitado (1921), O Marquês de Rabicó (1922), Peter Pan (1930), Reinações de Narizinho (1931),

Viagem ao Céu (1931), As Caçadas de Pedrinho (1933), Emília no País da Gramática (1934), História das Invenções (1935), Geografia de Dona Benta (1935), Memórias da Emília (1936), Histórias de Tia Nastácia (1937), Serões de Dona Benta (1937), O Poço do Visconde (1937), O Pica-pau Amarelo (1939)

Fábulas de Monteiro Lobato

O Cavalo e o Burro. A Coruja e a Águia. O Lobo e o Cordeiro. O Corvo e o Pavão. A Formiga Má. A Garça Velha. As Duas Cachorras. O Jaboti e a Peúva. O Macaco e o Coelho. O Rabo do Macaco. Os Dois Burrinhos. Os Dois Ladrões.

A cigarra e a formiga

Uma das fábulas mais conhecidas no mundo ocidental, atribuída a Esopo e recriada por Jean de La Fontaine. A versão tradicional traz uma mensagem de que devemos trabalhar, cumprir nossas obrigações, porque quando isso não acontece a punição é previsível.



Figura 2 Fonte: <https://www.revistaprosaveroearte.com/11702-2/>

No Brasil, a fábula A cigarra e a formiga é apresentada em duas versões por Monteiro Lobato; a primeira “A formiga boa” e a segunda “A formiga má”. Nessas duas versões, altera-se a visão da moral, evidenciando valores como liberdade e solidariedade, destacando a importância do artista.

- Antes da leitura: levantar com os alunos quem já conhece a fábula. O que sabem a respeito? Explicar o fato de que as duas versões são adaptação de uma obra clássica, elaborada por um dos maiores autores da literatura infantil brasileira. Destaque para o título “A cigarra e a formiga – a formiga boa”, o que supõe que tenha uma formiga má, com contraponto.
- Após a leitura: a formiga, de índole boa, é personagem central na fábula. A formiga reconhece a diferença entre os diferentes tipos de trabalho e o valor do trabalho da cigarra. Por sua ação é possível refletir sobre a importância do acolhimento e da solidariedade.

A cigarra e a formiga – a formiga boa

Monteiro Lobato

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar o pé de um formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique... Apareceu uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina. - Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama a tossir. - Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu.... A formiga olhou-a de alto a baixo.- E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa? A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu de um acesso de tosse:- Eu cantava, bem sabe...- Ah!... – exclamou a formiga recordando-se. – Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas? - Isso mesmo, era eu...- Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraia e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama

e mesa durante todo o mau tempo. A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

Monteiro Lobato. Fábulas. São Paulo: Brasiliense, 1994

- Antes da leitura: destaque para a caracterização da formiga logo no título. Como vai se desenrolar a fábula? Qual a sequência de acontecimentos?
- Depois da leitura: discutir a moral na ação da formiga má. Um paralelo em relação à obediência cega às regras, sem levar em conta o contexto. Chamar a atenção para a posição do narrador no último parágrafo, que leva o leitor a refletir sobre o papel do artista na sociedade.

A cigarra e a formiga - A formiga má

Monteiro Lobato

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta. Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo. A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontra-la desprovida de tudo, sem casa onde se abrigar, nem folhinhas que comesse. Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juro altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo permitisse. Mas a formiga era uma usuária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres. - Que fazia durante o bom tempo? - Eu... eu cantava! - Cantava? Pois dance agora, vagabunda! – e fechou-lhe a porta no nariz. Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usuária morresse, quem daria pela

falta dela? Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade.

Monteiro Lobato. Fábulas. São Paulo: Brasiliense, 1994

A partir da leitura de ambas as versões da fábula, destacar a visão moral proposta em cada versão. É interessante trazer os alunos para a atualidade do texto.

- a) Esse assunto é útil para pensar a nossa realidade?
- b) O texto ajuda a esclarecer comportamentos das pessoas?

Contos de fadas e conto maravilhoso

O conto maravilhoso e os contos de fadas são amplamente conhecidos pelos diversos povos e por muitos séculos, antes da existência de mídias eletrônicas, antes mesmo da existência da eletricidade.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (2008), contos de fadas e conto maravilhoso, muitas vezes identificados como iguais, apresentam estrutura e enredos semelhantes, com algumas diferenças.

Contos de fadas

origem celta. Heróis ou heroínas buscam vencer as dificuldades provocadas pelo vilão, com ajuda de objeto mágico e/ou de encantamento. A realização pode se dar pelo casamento. Pode ter ou não a interferência de fadas. Expressões de abertura “Era uma vez...” ou “Há muito tempo atrás...” e de encerramento “E foram felizes para sempre...”. Exemplos: Cinderela, A bela adormecida, Branca de Neve.

Conto maravilhoso

origem no Oriente, divulgado no mundo ocidental pela cultura árabe. Personagem principal busca por bens ou poder, superando privações e obstáculos. Pode-se ter elementos mágicos, maravilhosos. Ênfase nos aspectos materiais e éticos da experiência humana. Exemplos: O gato de botas, Os três porquinhos, Aladim e a lâmpada maravilhosa, os contos de As mil e uma noites.

Quem foram os Irmãos Grimm?



Figura 3

https://pt.wikipedia.org/wiki/Irm%C3%A3os_Grimm

Jacob (1785/1863) e Wilhelm (1786/1859) poetas e escritores alemães, estudiosos da linguística, pesquisaram e adaptaram uma infinidade de contos de tradição oral da Alemanha, adaptando-os para o universo infantil. Por suas pesquisas

e posterior publicação dos contos tornaram-se clássicos da literatura ocidental. Entre os contos reunidos pelos irmãos Grimm estão alguns muito conhecidos das crianças do mundo inteiro: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, Cinderela, Branca de Neve e os Sete Anões, Rapunzel, Os músicos de Bremen, João e Maria, As três penas, O príncipe sapo, O flautista de Hamelin, Rapunzel.

A partir do século XX, milhões de crianças tiveram acesso a adaptações dos contos clássicos de Grimm produzidos para o cinema, pela produtora Walt Disney.

Os músicos de Bremen



© 2011 - www.kaligrafia.com

Figura 4

<https://br.pinterest.com/pin/401946335465593195/>

acesso em 04 de março de 2022

Trata-se de uma história recolhida da tradição popular, editada e publicada pelos Irmãos Grimm, na obra Contos de Grimm, em 1819. Conta a história de animais trabalhadores que, ameaçados de morte por seus patrões por não poderem mais produzir, rumam para a cidade com o objetivo de se tornarem artistas.

- Antes da leitura: Bremen: cidade da Alemanha. O título “Os músicos de Bremen” indica que o texto vai tratar de que assunto? Quem serão as personagens? O que vai acontecer com elas?
- Durante a leitura: percebendo que quem estava na casa eram ladrões, o que os animais fizeram? Foram embora? Será que eles poderiam enfrentar os ladrões? Como fariam isso? Os ladrões iriam embora ou haviam tomado posse da casa? O que vai acontecer a seguir?
- Depois da leitura: síntese do texto. Questões que ajudam os estudantes na compreensão do texto como um todo. “Foi certo os animais defenderem casa para ficar nela? Os animais mereceram ficar em paz na casa? Por quê?”
- Ampliar o conhecimento dos alunos, com a discussão da solidariedade entre eles, que permitiu a sobrevivência do grupo.

Os músicos de Bremen

Irmãos Grimm (Adaptado)

Era uma vez um burrinho que trabalhava duro, puxando carroças pesadas. Com o passar dos anos, começou a se sentir cada vez mais fraco. Dispensado pelo patrão, o burrinho foi à cidade de Bremen pleitear uma vaga de cantor em uma banda de música

Já a caminho, encontrou um cão de caça esmorecido, que estava deitado no chão. Então, perguntou: — Cão, por que está tão triste? Após um longo suspiro, o cão respondeu: — Envelheci e não consigo caçar como antes. Por essa razão, meu dono resolveu me sacrificar. O burrinho contou-lhe sobre seus planos musicais, convidando-o a participar. O cão ficou animadíssimo e seguiu com seu novo amigo.

Alguns minutos depois, viram um gato muito triste e indagaram: — Gato, qual o motivo de tanto desânimo? E o felino ronronou: — Com o passar dos anos, perdi a destreza em capturar camundongos. Por causa disso, minha dona tentou me afogar.

O burro e o cachorro contaram que estavam a caminho de Bremen, que iriam trabalhar como músicos e que o bichano, mestre em serenatas, seria um ótimo parceiro. O gato adorou a ideia, e os três companheiros seguiram viagem.

Quando o sol já se despedia, encontraram um galo cabisbaixo. Ao perguntarem sobre o que se passava, ele cacarejou: — A proprietária da fazenda receberá convidados para o almoço e ordenou que o cozinheiro passasse a faca em mim. Escapei, para não parar na panela!

O burro convidou-o para compor o grupo: — Sua experiência como barítono será muito útil ao nosso quarteto. O galo apreciou a ideia, e os músicos prosseguiram para a cidade de Bremen.

Como já estava anoitecendo, pararam na floresta para dormir. O galo, no alto de uma árvore, percebeu ao longe uma luzinha a piscar. Era o sinal de que havia uma casa ali por perto. Avisou os colegas, que resolveram verificar.

Pela janela, observaram uma mesa farta e cinco ladrões que comiam e bebiam. Então, imaginaram um plano para afastarem aqueles homens dali. Com toda a

força de seus pulmões, fariam um estrondoso concerto. O alto volume da música quebraria o vidro. Assim, os músicos pulariam a janela e correriam até o centro da sala, para expulsarem os malfeitores.

Dito e feito. Apavorados, os ladrões se levantaram e fugiram. Assim, os quatro amigos se sentaram à mesa e devoraram tudo. Depois, apagaram as luzes e procuraram um lugar aconchegante para dormir. Passada a meia-noite, os ladrões resolveram voltar. Com medo de fantasmas, o chefe do bando ordenou que somente um deles entrasse.

Silenciosa e sombria, a casa guardava mistérios... Ao entrar, o larápio, atraído por uma espécie de faísca, aproximou-se dela. Na verdade, eram os olhos do gato. Sentindo-se ameaçado, o felino avançou e arranhou o rosto do ladrão, que correu até a porta do fundo. O cão, que lá estava deitado, deu-lhe uma mordida na perna. Aos berros, o ladrão fugiu para o quintal, onde levou um coice do burro. E o galo, assistindo do telhado àquela cena, cantou bem alto.

O ladrão escapou em disparada e disse aos demais que uma bruxa arranhou seu rosto, um homem esfaqueou sua perna, um monstro lhe deu pauladas, e um juiz ordenou que os soldados o conduzissem ao cárcere.

Por isso, os ladrões nunca mais se atreveram a voltar. E os quatro músicos passaram a viver naquela casa e foram felizes para sempre.

Os músicos de Bremen. Coleção Conta pra mim. Disponível em
< http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-para-mim/livros/24ersao_digital/24ersao_versao_digital.pdf

Contos populares

“No tempo em que os bichos falavam...” é uma das fórmulas mais comuns de se começar um conto popular, envolvendo encantamento. Muitos dos contos populares repassados pela tradição oral e recolhidos por estudiosos foram trazidos pelos europeus, particularmente pelos portugueses. Alguns contos populares tem origem nas lendas e outros em mitos dos povos indígenas e africanos, como a lenda da mandioca, as histórias da iara, do curupira, a lenda do negrinho do pastoreio.

Napi, os homens e os animais

- Antes da leitura: observar que se trata de um conto africano. Refletir com os alunos: como cada povo explica o surgimento do mundo?
- Durante a leitura: Napi, o criador do mundo, criou as criaturas com uma intenção: a de que todos tivessem um lugar para habitar. Mas eles ficaram satisfeitos? O que ele fez?
- Depois da leitura: O homem se comportou como os demais animais? Segundo o conto, por que o homem habita em todos os lugares da Terra?

Napi, os homens e os animais**Conto do folclore africano**

No início do mundo nasceu o Sol, e depois dele surgiu Napi, o criador, o guardião da vida. Um dia Napi descansava perto de uma fonte. Olhou para a terra úmida e teve uma ideia: pensou que seria divertido moldar pequenas criaturas de argila. Primeiro modelou um animalzinho. Gostou dele e continuou a criar, e fez aparecer todos os animais que até hoje vivem na face da terra. Quando terminou, deu a cada animal um lugar para habitar. Por último moldou o homem e lhe disse:

– Você deve viver na floresta, é o melhor lugar para você.

Depois, fechou os olhos e tentou descansar. Mas não conseguiu.

Poucas horas mais tarde os animais voltaram para reclamar.

Ninguém estava feliz. O touro parecia furioso:

– Não posso viver na montanha, Napi. Preciso de pasto!

O antílope também estava aborrecido:

– Napi, não posso viver no pântano, meu sonho, correr pelos campos!

Até mesmo o sensato camelo tinha uma queixa:

– Napi, detestei o deserto! Será que você não pode me mudar de lugar?

O homem, então, não parava de reclamar. Queria viver viajando, queria conhecer todos os lugares. Era muito curioso para ficar só na floresta. Napi suspirou e respondeu:

– Minhas queridas criaturas, vou lhes dar outros territórios! Calma! E depois disse:

– Touro, vá para os pastos! – E para o antílope: – Vá para a savana correr com liberdade.- E, finalmente, para o camelo: – Vá para perto de um oásis, onde o ar é fresco.

E quando chegou o homem, Napi lhe sugeriu diversos lugares para morar, mas o homem nunca ficava contente. Até que o guardião da vida se cansou e disse apenas:

– Você é mesmo impossível, meu filho! Tudo bem, vá para onde quiser!

É por isso que todos os animais têm seus territórios preferidos, mas o homem, essa criatura sempre insatisfeita, espalhou-se pelas montanhas, florestas, rios e mares, e até hoje continua procurando novos lugares para morar.

Fonte: <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2010/06/24/folclore-africano-napi-os-homens-e-os-animais/> Acesso 07 jan 2022

Sapo com medo d'água

Você já viu algum sapo com medo de água? Vamos saber que história é essa.

- Antes da leitura: Trata-se de um conto de esperteza. Quem é o personagem principal? Quem se movimenta pela esperteza?
- Durante a leitura: o sapo usa de disfarce para proteger-se da ameaça. Ele conseguirá enganar os malfeitores?
- Depois da leitura: o desfecho comprova que se trata de um conto de esperteza? Por quê?

Sapo com medo d'água

Conto de esperteza

Ricardo Azevedo

Dois homens, fugidos da prisão, pararam na beira da lagoa para matar a sede e descansar um pouco.

Um sapo dormia debaixo da samambaia.

Os bandidos agarraram o sapo.

- Olha que desengonçado! – disse um deles, apertando o bicho entre os dedos.

- É feio que dói – completou o outro, com cara de nojo.

E os dois resolveram fazer maldade.

- Vamos jogar no formigueiro?

Ouvindo isso, o sapo estremeceu. Por dentro. Por fora, abriu um sorriso indiferente.

- Que nada – respondeu o outro, percebendo que o sapo não estava nem ligando. – Pega a faca. Vamos picar ele todinho.

O sapo, de olhos fechados, começou a assobiar uma linda melodia.

Os dois bandidos queriam dar um jeito de fazer o sapo sofrer.

- Sobe na árvore e atira ele lá do alto.

- Pega um fósforo e acende uma fogueira. Vamos fazer churrasco de sapo!

O sapo espreguiçava-se tranquilo entre os dedos do homem.

Um dos bandidos teve outra ideia.

- Já sei! Vamos afogar o desgraçado na lagoa!

Foi quando o sapo deu um pulo desesperado e começou a gritar:

- Tudo menos isso!

Os malfeitores, agora sim, tinham chegado onde queriam.

- Vai pra água, sim senhor!

- Não sei nadar! – berrava o sapo.

O bicho esperneava:

- Socorro!

- Vai sufocar de tanto engolir água!

- Não!

- Vai virar comida de jacaré!

- Tenho mulher e filhos pra cuidar!

- Joga bem longe!

- Me acudam!

- Lá vai!

O homem atirou o sapo no fundo da lagoa.

O sol estava redondo.

O sapo – ploft – desapareceu no azul bonito das águas.

Depois voltou risonho, mostrou a língua e foi embora nadando e cantando e dançando e requebrando n'água, feliz da vida.

Azevedo, Ricardo. Meu livro de folclore. São Paulo: Ática, 2000

O jabuti e a onça

O jabuti pode ser amigo da onça? Se a onça manifestar boas intenções, o jabuti deveria acreditar nela?

- Antes da leitura, considerar se todas as crianças sabem o que é um jabuti. Colocar na lousa o título, para que levantem hipóteses sobre a história que será lida: o jabuti e a onça? Estarão juntos? Quem é mais forte? Quem corre perigo?
- A onça se mostra interessada na música do jabuti. Ela tem interesse na música ou no jabuti?
- Como o jabuti se sai da situação? Como o problema é resolvido? Qual o desfecho?
- O que valeu foi a sabedoria do jabuti ou a força da onça? Pode-se afirmar que esse é um conto de esperteza?

O jabuti e a onça

Conto de esperteza

Conto popular de origem indígena

Uma vez a onça ouviu o jabuti tocar a sua gaita debicando outra onça e veio ter com o jabuti e perguntou-lhe:

— Como tocas tão bem a tua gaita?

O jabuti respondeu: “Eu toco assim a minha gaita: o osso do veado é a minha gaita, ih! Ih!”

A onça tornou: “A modo que não foi assim que eu te ouvi tocar!”

O jabuti respondeu: “Arreda-te mais para lá um pouco, de longe te há de parecer mais bonito.”

O jabuti procurou um buraco, pôs-se na soleira da porta, e tocou na gaita: “o osso da onça é a minha gaita, ih! Ih!”

Quando a onça ouviu, correu para o pegar. O jabuti meteu-se pelo buraco a dentro. A onça meteu as mãos pelo buraco, e apenas lhe agarrou a perna.

O jabuti deu uma risada, e disse: “Pensavas que agarravas a minha perna

e agarraste a raiz de pau!”. A onça disse-lhe: “Deixa-te estar!” Largou então a perna do jabuti.

O jabuti riu-se uma segunda vez, e disse:

— De fato era a minha própria perna.

A grande tola da onça esperou ali, tanto esperou, até que morreu.

Fonte: <https://www.culturagenial.com/contos-populares-comentados/> Acesso 12 jan 2022

O aniversário de Pedro Malasartes

Personagem da cultura popular cujas histórias são contadas e divulgadas por muitos autores. O personagem vem da península Ibérica (Portugal e Espanha); o nome tem origem na Espanha, Pedro Urdemales (ou artes más). Às vezes aparece nos contos como herói humilde que vence pela esperteza. Às vezes aparece como trapaceiro que usa de armadilhas e truques para ganhar vantagens.

Na história que segue, ele é um herói esperto, que usa de artimanhas para pregar peças nas pessoas (o rico avarento), levando a melhor.

- Antes da leitura: apresentar o personagem Pedro Malasartes. Destacar quem são as personagens do conto.
- Durante a leitura: Malasartes tem um problema. Qual é o problema?
- Depois da leitura: Malasartes resolve o problema por uma ação de amizade ou por suas artimanhas?

O aniversário de Pedro Malasartes

Pedro Malasartes é uma figura que não perde a mania de pregar peças nas pessoas. Da última vez, a vítima foi seu primo rico. A história aconteceu, mais ou menos, assim...

Malasartes estava fazendo aniversário e não tinha nada em casa para oferecer aos convidados. Resolveu ir à casa de seu primo sondar se ele poderia contribuir com algo para a festa, mesmo achando que receberia um sonoro ‘não’ como resposta. Afinal, embora rico, o tal primo era muito pão-duro.

–Ô, de casa! – gritou Malasartes, batendo palmas na frente do portão.

O primo veio de lá já bem desconfiado, porque o que um tinha de pão-duro o outro tinha de enrolão! De qualquer forma, foi bastante educado. Sabia que era dia do aniversário de Malasartes. Mandou que ele entrasse e começou a lhe oferecer o que tinha na despensa: toucinho, broa de milho, curau, pipoca... Mas Malasartes disse não a tudo, queria apenas um cafezinho.

Conversa ia, conversa vinha, o primo de novo oferecia a Malasartes alguma coisa gostosa, típica da fazenda:

–‘Ó’, primo, eu não tenho muito, mas tenho aqui essa peça de carne que dá para fazer um bom churrasco. Tenho também refrigerantes. Malasartes olhava para a comida, fazia uma cara bem esnobe e dizia que se contentava com o cafezinho que estava tomando.

O primo já estava até achando que não havia nada demais com a visita inesperada, talvez Malasartes não fosse mais enrolão como antes. E os dois se divertiram, lembrando fatos da infância, de como brincavam e como adoravam as festas de São João na roça.

Malasartes recordou uma festa que ele tinha feito na casa do primo, aquela mesma casa que ele ainda morava:

–Lembra, primo? A gente puxou aquela mesa para o canto da parede, assim...

E, entusiasmados, empurraram a mesa da sala para o canto, deixando espaço para um bom baile. O primo aproveitou e pegou sanfona empoeirada que estava pendurada na parede. Começou a tocar. Os dois dançavam, cantavam e riam alto quando foram interrompidos por um burburinho na frente da casa.

O povo gritava lá fora no portão:

– Malasartes! Ô, Malasartes!

O primo foi até a porta, arregalou os olhos e disse:

– Que tanta gente é essa aí, Malasartes?

E ele respondeu:

– São meus convidados, primo! Como é o meu aniversário e não tinha nada na despensa, chamei o pessoal para comemorar aqui.

O primo de Malasartes ficou apavorado, porque era muito pão duro e não queria gastar com ninguém. Revoltado, falou:

– Mas eu não tenho nada para oferecer aos seus amigos.

E Malasartes retrucou:

– Tem sim! Sabe aquele toucinho, broa de milho, curau, pipoca, peça de carne e refrigerante? Dá bem para nós, ‘ué’!

Imaginou a cara do primo? Pois foi assim que Malasartes teve a sua festança.

Fonte: Ciência hoje das crianças. In <http://chc.org.br/artigo/o-aniversario-de-pedro-malasartes/> Acesso 05 jan 2022

Luís da Câmara Cascudo, um estudioso do Brasil sertanejo



Figura 5 <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=410916&view=detalhes>

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). Estudioso do folclore e da cultura popular brasileira, tem sua obra baseada na pesquisa da tradição, nos costumes, mitos, lendas, enfim no modo de pensar do povo brasileiro.

Autor de uma aproximadamente 150 livros, foi o responsável pela recolha e sistematização de narrativas populares. Publicou diversas antologias: Melhores Contos Populares de Portugal (1944); Contos Tradicionais do Brasil (1946) e Trinta “Estórias” Brasileiras (1955) e três obras fundamentais para se entender a cultura brasileira: Antologia do Folclore Brasileiro (1943), Geografia dos Mitos Brasileiros (1947) e o famoso Dicionário do Folclore Brasileiro (1951).

A onça e o bode

Antes da leitura: Colocar na lousa o título e conversar com as crianças sobre a possibilidade de viverem juntos onça e bode. Será possível? O que acontecerá?

Depois da leitura: O que aconteceu com cada um dos personagens? Quem foi mais esperto? Quem foi enganado?

A onça e o bode

Câmara Cascudo

O Bode foi ao mato procurar lugar para fazer uma casa. Achou um sítio bom. Roçou-o e foi-se embora. A Onça que tivera a mesma ideia, chegando ao mato e encontrando o lugar já limpo, ficou radiante. Cortou as madeiras e deixou-as no ponto. O Bode, deparando a madeira já pronta, aproveitou-se, erguendo a casinha. A Onça voltou e tapou-a de taipa. Foi buscar seus móveis e quando regressou encontrou o Bode instalado. Verificando que o trabalho tinha sido de ambos, decidiram morar juntos.

Viviam desconfiados, um do outro. Cada um teria sua semana para caçar. Foi a Onça e trouxe um cabrito, enchendo o Bode de pavor. Quando chegou a vez deste, viu uma onça abatida por uns caçadores e a carregou até a casa, deixando-a no terreiro. A Onça vendo a companheira morta, ficou espantada:

— Amigo Bode, como foi que você matou essa onça?

— Ora, ora...Matando!... Respondeu o Bode cheio de empáfia. Porém, insistindo sempre a Onça em perguntar-lhe como havia matado a companheira, disse o Bode:

— Eu enfiei este anel de contas no dedo, aponte-lhe o dedo e ela caiu morta. A Onça ficou toda arrepiada, olhando o Bode pelo canto do olho. Depois de algum tempo, disse o Bode:

— Amiga Onça, eu lhe aponto o dedo...

A Onça pulou para o meio da sala gritando:

— Amigo Bode, deixe de brinquedo...

Tornou o Bode a dizer que lhe apontava o dedo, pulando a Onça para o meio do terreiro. Repetiu o Bode a ameaça e a onça desembandeirou pelo mato a dentro, numa carreira danada, enquanto ouviu a voz do Bode:

— Amiga Onça, eu lhe aponto o dedo...

Nunca mais a Onça voltou. O Bode ficou, então, sozinho na sua casa, vivendo de papo para o ar, bem descansado.

Fonte: <https://peregrinacultural.wordpress.com/2012/02/03/a-onca-e-o-bode-fabula-brasileira-texto-de-luis-da-camara-cascudo/> Acesso 12 jan 2022

Competências e habilidades a serem desenvolvidas:⁴

As competências gerais da educação básica destacam a importância de o estudante entender e explicar a realidade, fruir e participar da produção artístico-cultural, do país e do lugar e do lugar onde vive.

Competência 1 - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Competência 3 – Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competências específicas de linguagens para o ensino fundamental:

Competência 5 – Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Habilidades destacadas (BNCC, 2018), relacionadas ao universo da literatura:

Práticas de linguagem	Objetos de conhecimento	Habilidades
Oralidade	Escuta atenta	(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
	Aspectos não linguísticos (paralinguísticos) no ato da fala	(EF15LP12) Atribuir significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz.
Leitura/escuta compartilhada e autônoma	Formação do leitor literário	(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
Análise linguística/semiótica (Alfabetização)	Formas de composição de narrativas	(EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.

⁴ Base Nacional Comum Curricular – BRASIL. MEC, 2018

Considerações finais

Espera-se que um trabalho sistemático com leitura em voz alta possa contribuir para melhorar sensivelmente a compreensão leitora dos alunos de 1º, 2º e 3ºs anos do ensino fundamental.

As narrativas seduzem as crianças e o mergulho em diferentes assuntos torna possível a construção de significados, os questionamentos sobre fatos, a exposição de ideias sobre os assuntos destacados, e a conscientização dos próprios sentimentos, o que contribui para a compreensão e interpretação do mundo. Enquanto estratégia pedagógica, a leitura em voz alta amplia o vocabulário e favorece o contato com diferentes formas de discurso presentes na cultura, o que facilita a inserção no mundo letrado.

Esse caderno reitera a importância do ensino, regular e sistemático, de ações com foco na leitura e o acompanhamento passo a passo do desempenho de cada estudante, para que evitar que um grande contingente de crianças simplesmente fique para trás na aprendizagem.

Professores, gestores, funcionários devem ser modelos de leitores, para que a leitura seja legitimada inicialmente na escola – e também fora dela - e que a criança possa participar do universo da cultura também por meio de histórias atraentes.

Referências bibliográficas

Brasil. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. Conta pra Mim: Guia de Literacia Familiar. - Brasília: MEC, SEALF, 2019.

Brasil. Alfabetização: livro do aluno / Ana Rosa Abreu ... [et al.] Brasília: Fundescola VIII. MEC-SEF, 2000.

Lobato, Monteiro. Fábulas. São Paulo: Globo, 2011.

Manguel, A. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Coelho Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2008

Rondônia. Secretaria de Educação do Estado de Rondônia. Referencial Curricular do Estado de Rondônia. Rondônia: Seduc, 2020.

Zilberman, R. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1994.



TRIBUNAL DE CONTAS DO
ESTADO DE RONDÔNIA